

Manaus, Rio Branco, Boa Vista, Porto Velho (via aérea) Cr\$ 36,00

CALIFORNIA

O VALE DA MORTE





"Se acharmos que o nosso objetivo aqui em nossa rápida passagem pela Terra é acumular riquezas, então não temos nada a aprender com os índios. Mas se acreditarmos que o ideal é o equilíbrio do homem dentro de sua comunidade, então os índios têm lições extraordinárias para nos dar." — Orlando Vilas Boas

As Lições dos Índios do Xingu

Texto e fotografias de
JOÃO DE ORLEANS E BRAGANÇA

ORLANDO Vilas Boas e seus irmãos Cláudio e Leonardo tomaram parte nos primeiros trabalhos de desbravamento do alto Xingu, realizados pela vanguarda da expedição Roncador-Xingu, entre 1944 e 1948. Em 1948, Orlando foi nomeado chefe da expedição, dinamizando e acelerando os seus trabalhos, que se encerrariam em 1951. A partir desta data, Orlando passou a desenvolver uma campanha visando à criação pelo governo de uma ampla reserva sob o nome de Parque Nacional do Xingu, o qual foi finalmente instituído em 1961. A partir destes esforços, levantou-se uma valiosa documentação sobre a área indígena do alto Xingu e criou-se uma nova política indigenista, que consiste basicamente na defesa dos valores culturais do índio como meio de evitar a sua marginalização e o desaparecimento de grupos e tribos.

Durante a puberdade os índios passam por um período de reclusão que é aceito com a mesma naturalidade com que convivem e procuram conservar a natureza que os rodeia (fotos ao lado).

Embaixo, uma das casas típicas do Parque do Xingu.

Seu vão central pode alcançar os oito metros de altura, e a construção leva até seis meses, havendo a colaboração de todos os homens do grupo. Estas habitações apresentam-se sempre dispostas em círculos e há espaço de sobra para toda a família. Seu conforto térmico e a ventilação são perfeitos.





O Parque Nacional do Xingu foi oficialmente criado em 1961, através de um decreto presidencial e como resultado de um intenso trabalho que se vem desenvolvendo desde o pioneiro Marechal Rondon e se concretizou graças à perseverança dos irmãos Vilas Boas, seus idealizadores, que há mais de trinta anos se dedicam profundamente ao índio brasileiro.

Hoje a FUNAI — Fundação Nacional do Índio —, órgão vinculado ao Ministério do Interior, está terminando a demarcação do Parque, abrindo clareiras a sua volta e colocando marcos a cada mil metros para que não pairam dúvidas sobre as suas fronteiras. Assim, os cerca de trinta mil quilômetros quadrados que o compõem deverão ter sua inviolabilidade assegurada, e ficará protegida a propriedade indígena.

A criação do Parque teve como objetivo a preservação da área como reserva florestal; a manutenção da flora e da fauna como na época do descobrimento; e a contenção da exploração destrutiva. Além disso, visa a pesquisa de recursos naturais e sociais devidamente autorizados pela direção do Parque e proíbe toda atividade turística na região, por colocar em risco o patrimônio cultural dos indígenas. Os serviços de assistência médica e social são controlados de forma que os visitantes e pesquisadores fiquem na reserva somente o tempo necessário para a realização dos seus trabalhos e que o seu contato com os indígenas não prejudique os costumes locais.

Nas proximidades dos rios formadores do Xingu -- Culuene, Curisevo, Batovi, Jatobá e Ronuro -- e nas cercanias do Posto Leonardo Vilas Boas, da FUNAI, localizam-se as tribos Kamayurá e Aweti (do grupo lingüístico tupi) e Waurá, Mehináku, Yawalepití, Arawak, Kuikuró e Kalapalo (do grupo lingüístico Karib), vivendo num intenso processo de aculturação intertribal, no qual as diferenças lingüísticas e particularidades de cada tribo vão sendo suplantadas por uma certa uniformidade cultural.

Entre as tribos não existem fronteiras e sim áreas de interesse, sendo considerados de muita importância entre os indígenas

os contatos mantidos com as aldeias vizinhas e com os funcionários da FUNAI, o que demonstra o valor da atividade social dentro do seu sistema. Eles conhecem o valor das relações de *uns em função dos outros*, sem nunca perderem de vista a preservação de sua própria identidade. Este sentido de amizade é imprescindível para a continuidade de sua existência e pode ser mais bem observado na realização das festas com a participação dos grupos vizinhos.

Todas as aldeias têm as casas dispostas em círculo e são sempre localizadas nas proximidades de um lago ou rio. A higiene é fundamental na sua vida, e assim



A pesca é a fonte básica da alimentação dos índios do Xingu, sendo praticada de várias maneiras. Embaixo,

Tacumã, chefe dos Kamayurá, e seu filho, navegando no Rio Culuene.

À direita, o mesmo chefe, pescando com timbô; à direita, ao centro, um índio funcionário da FUNAI

pescando com o arpão trocado numa de suas visitas a um centro urbano; e, à

direita, embaixo, o resultado de uma pescaria de um índio da tribo Yawalepiu.







Foto Mancheta

O **urucu**, em cima, é uma das tintas usadas pelos índios para pintar o corpo, e, além da sua linda cor, protege do sol e das picadas de insetos. Na página anterior, na foto ao alto e nas páginas 100-101, os índios Yawalepití prepararam-se para uma festa oferecida pelos Kamayurá, seus vizinhos no Parque do Xingu.

muitos caminhos levam à água onde os índios se banham várias vezes ao dia. As casas apresentam geralmente a forma oval, chegando a atingir oito metros de altura no vão central. Seu conforto térmico é perfeito, pois armazenam o calor do dia para as noites mais frescas, e vice-versa, mantendo uma ventilação constante através de duas aberturas: uma na frente e outra atrás. E, apesar do seu tamanho, não costumam abrigar grande número de pessoas.

A alimentação destas tribos é baseada na pesca, que é farta, na mandioca preparada de várias maneiras e em algumas frutas como a banana e o pequi. Na falta do sal de cozinha, os índios retiram das cinzas de uma planta aquática — aguapé — o tempero de sua comida. Este condimento de cor cinzenta tem o gosto idêntico ao do cloreto de sódio e atende às mesmas necessidades orgânicas. A caça, ainda que abundante, geralmente não é utilizada para a alimentação, mesmo quando são mortos porcos-do-mato, que estragam as roças.

Devido à grande piscosidade da região, desenvolveram-se vários métodos de pesca, que vão desde o tradicional arco e flecha (o mais usado) até o arpão introduzido pelo branco, passando pelo timbó e o anzol. A pesca com o timbó realiza-se geralmente quando há necessidade de gran-









O som da flauta uruá anuncia a realização de todos os festejos entre os índios do Xingu — página anterior. Embaixo, um índio preparando seu cocar, e, à esquerda, uma Kamayurá levando seu filho no colo, um gesto muito valorizado entre os indígenas.



a língua da esposa. Além disso, há o costume de o jovem marido passar algum tempo na casa dos sogros, cuidando da pesca e da roça da nova família. E, nestes casos, os filhos aprendem duas línguas.

A educação das crianças é notável, sendo total a sua liberdade. Certa vez um índiozinho incendiou a casa da família e, para espanto de um médico visitante, não foi repreendido pelos pais, que têm certeza de que com o tempo as crianças aprendem a diferenciar o certo do errado. Portanto, não é por isso que durante a puberdade os índios passam por um período de reclusão, recebendo dos pais os ensinamentos necessários à vida, e só deixando sua casa para o banho, as necessi-

dades fisiológicas e o treinamento da luta *huka-huka*.

Na época das festas a aldeia dos Kamayurá enche-se de alegria; há farta distribuição de peixes para os convidados, e os membros da tribo ornamentam-se para as comemorações. Este período vai de maio a outubro, quando o clima é mais ameno e raramente chove. O Quarup e o Javari são as cerimônias mais importantes, promovendo o contato íntimo entre tribos vizinhas.

O Quarup é a cerimônia fúnebre dedicada aos mortos, representados por um totem feito de um tronco de quarup pintado e enfeitado. A tribo canta e dança em torno do mourão fincado no terreiro da

As casas das aldeias do Xingu, sempre amplas e imponentes, não diferem muito umas das outras. No entanto, o mesmo não acontece com os enfeites usados pelos indígenas do Parque, já que cada grupo se especializa num determinado objeto, embora todos tenham acesso às mesmas matérias-primas. À direita, índios usando colares de caramujos, uma especialidade dos Kalapalo, e brincos feitos de plumas de tucanos. Embaixo, à direita, um índio preparado para a cerimônia do Javari.

Foto Manchete



Foto Manchete



taba, ao mesmo tempo em que se realiza o ritual dos pajés, numa combinação de forças que tem por objetivo dar vida ao tronco. Segundo a lenda, com o aparecimento do sol, os troncos assumiam formas humanas, mas esta transformação só poderia ser presenciada por aqueles que não tivessem mantido relações sexuais na noite anterior. Porém, o não cumprimento desta exigência por um índio fez com que os troncos voltassem a ser simplesmente madeira. Depois disso, a divindade Mavut-sinim, revoltada, sentenciou que nunca mais os mortos retornariam à vida nas cerimônias do Quarup, e, ordenando que os troncos fossem jogados na água, estabeleceu que dali em diante do Quarup só restaria a festa.

As festas são anunciadas pelo som das flautas uruá, tocadas sempre por pares de índios que percorrem todas as casas da aldeia marcando o ritmo de sua música com

chocalhos amarrados nos tornozelos. Ao nascer do dia os anfitriões e os visitantes cobrem o corpo com óleo de pequi, que dá maior maleabilidade para a luta *huka-huka*. Os líderes de cada grupo escolhem então seus melhores lutadores e os alinham, de quatro no chão, esperando a escolha dos adversários. A luta é estimulada por gritos que os brancos reconheceram como *huka-huka*, e tem por objetivo derrubar o adversário fortemente seguro pelas mãos e pescoço.

O Javari é uma festa menor, mas também se destina a homenagear os mortos. Nesta cerimônia só há um grupo convidado para as competições, que servem para amenizar quaisquer tensões porventura existentes entre as tribos. O jogo típico do Javari consiste em acertar o adversário com uma flecha sem ponta, e o seu treinamento é feito com uma espécie de espantalho que recebe todos os ataques



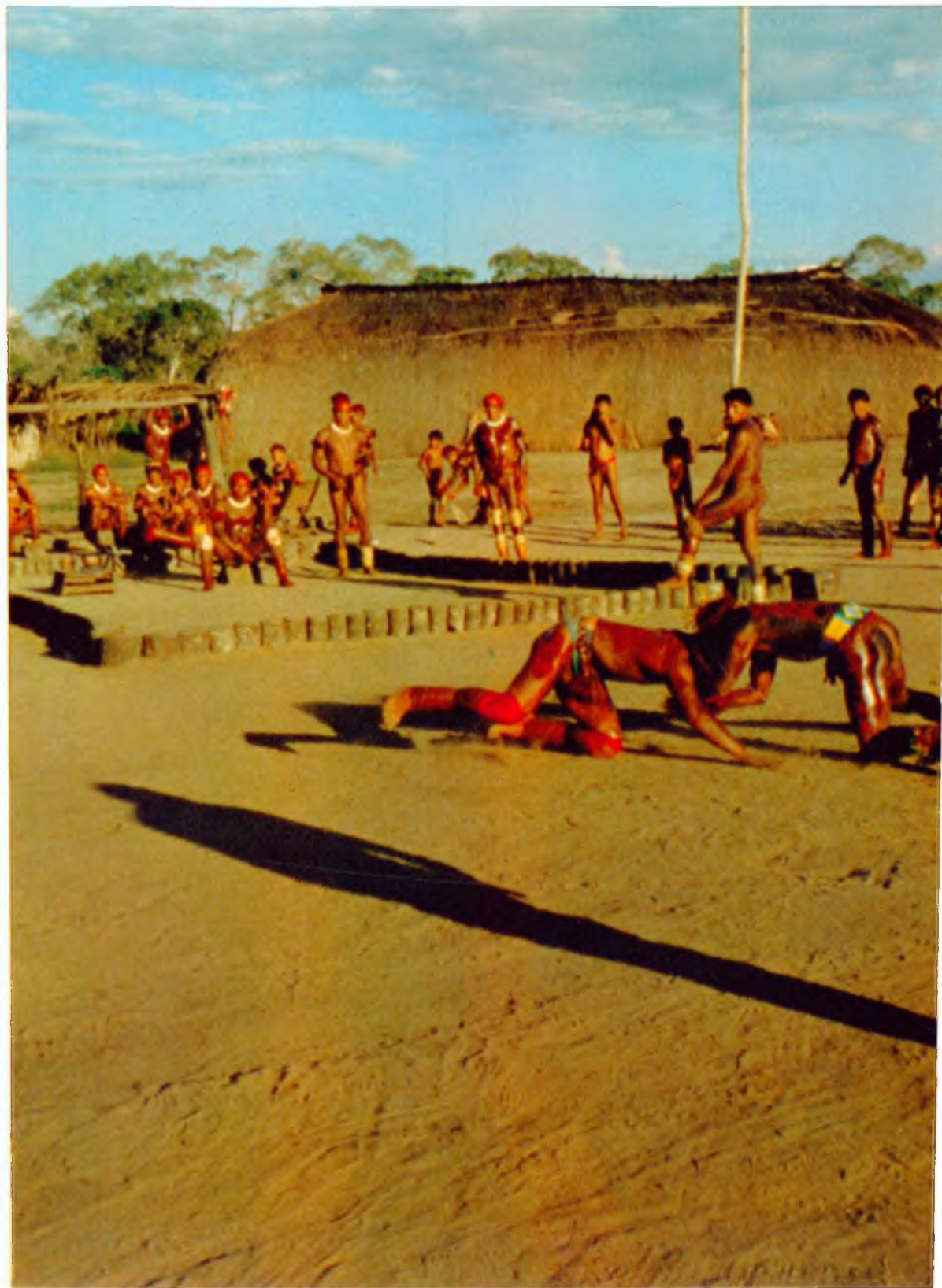
Foto Manchete



Todas as festas realizadas no Parque do Xingu são anunciadas por índios que, aos pares, visitam as casas da aldeia levando o som de suas flautas uruã — à direita. Dentre estas cerimônias, o Javari, com seu jogo de arco e flecha, é uma das mais importantes — na página anterior, o treinamento para a competição com uma espécie de espantalho servindo de alvo. Embaixo, os índios enfileirados dirigem-se para a luta *huka-huka*, e nas páginas 108-109, a apresentação do combate, vendo-se cada um dos contendores tentando derrubar o outro para ser aclamado vencedor.

Foto Manchete









O diretor do Parque do Xingu, antropólogo Olímpio Serra, à esquerda, é muito querido entre os índios, sendo o convidado de honra em todas as festas. Embaixo, à esquerda, a chegada de índios convidados para o Javari, na aldeia Kamayurá; e, embaixo, o terreno onde são enterrados os chefes tribais e que fica sempre em frente à casa das flautas, o ponto de reunião dos homens da tribo, sendo um local proibido para mulheres.



Foto Manchete



que os índios destinam aos seus adversários de competição. Neste sentido, o Quarup e o Javari representam dois encontros sociais de simbolismos opostos, já que o primeiro é a expressão ritual da solidariedade e o segundo, a da hostilidade existente entre as tribos.

Na aldeia Kamayurá ocorre atualmente um fato não muito comum entre os índios, que é a atribuição de poderes de cacique e pajé ao mesmo chefe, Tacumã. Esta liderança é muitas vezes hereditária, sendo o futuro capitão — como também é conhecido — treinado desde a infância para seu cargo.

Desde 1884, quando o explorador Von den Steinen fez a primeira aproximação

com os índios do Xingu, estas tribos vêm se familiarizando com a sociedade e as técnicas dos brancos. Mas este contato tem sido mais recentemente controlado por antropólogos e sociólogos que procuram evitar que o índio se sinta marginalizado como um excepcional. A direção da FUNAI também vem lutando contra a invasão das terras indígenas através da demarcação destas reservas, de forma a garantir sua posse aos legítimos donos. A política da FUNAI não é de integração do indígena, mas de garantir sua vida e integridade. Da mesma forma, a descoberta de novos grupos não implica na tentativa de contato imediato, se não houver razão maior para isso. □

